



## Educação Ambiental e incêndios no Pantanal em 2020: “Foi um choque de pôr juízo em doido”

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

Orcid: 0000-0002-4693-9027

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Izabele Joana Silva Nogueira<sup>2</sup>

Orcid: 0000-0003-0711-1208

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

**Resumo:** O objetivo do texto é discutir um aspecto da crise de emergência climática, os incêndios no Pantanal. Parte-se da reportagem poética *Entremeio com o vaqueiro Mariano* de João Guimarães Rosa, para interligar questões ligadas à literatura, à crise de emergência climática e à educação ambiental, questões pertinentes entre si e com possibilidades educativas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, vinculada ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da UFMT. Moore (2016) argumenta que os grupos que mais sofreram com os incêndios foram os pantaneiros, ribeirinhos e demais comunidades tradicionais da região. Conclui-se que a literatura pode ser uma aliada da educação ambiental, por apresentar elementos que permitem discutir a ação humana sobre o bioma do Pantanal.

**Palavras - chave:** Educação ambiental. Literatura. Pantanal. João Guimarães Rosa. Emergência climática.

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Pedagoga. Realiza pesquisas sobre arte e educação, literatura e educação ambiental. Vinculada aos grupos de Pesquisa GEIFEC e LAB-ARTE, ambos da Faculdade de Educação da USP e ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, GPEA, da UFMT. elnelisaw@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2019), integrante do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), mestranda do PPGE UFMT na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação. Atualmente é professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Cuiabá. izabelejoana@gmail.com

## ENVIRONMENTAL EDUCATION AND FIRE IN THE PANTANAL IN 2020: “IT WAS A SHOCK TO BRING SENSE TO A MADMAN.”

**Abstract:** The purpose of the text is to discuss an aspect of the climate emergency crisis, the fires in the Pantanal. It starts with the poetic report *Entremeio* with the cowboy Mariano de João Guimarães Rosa, to interconnect issues related to literature, the climate emergency crisis and environmental education, issues that are relevant to each other and with educational possibilities. This is a bibliographic research, linked to the Research Group in Environmental Education, Communication and Art (GPEA) at UFMT. Moore (2016) argues that the groups that suffered the most from the fires were the swampland, riverside and other traditional communities in the region. It is concluded that literature can be an ally of environmental education, as it presents elements that allow us to discuss human action on the Pantanal biome.

**Key-words:** Environmental education. Literature. Pantanal. Joao Guimarães Rosa. Climate emergency.

*Foi um choque de pôr juízo em doido: a gente se fechou com outro fogo aflito, dobrado e emendado, cravando o caminho todo, sem perdoar, nem um buraquinho solito, por onde se ir deixando boiada p'ra trás fugir. Mas o guia gritou: “Agora é farofa ou fava. Vira, gente!” Os bois já estavam torcendo nos cascós, desvenveredando por onde podiam. P'ra cada um se cuidar, todos tinham de andar juntos. (ROSA, 1985, p. 100).*

### Introdução

O objetivo do texto é discutir, ainda que de maneira embrionária, um aspecto da crise de emergência climática, os incêndios no Pantanal no ano de 2020, a partir da narrativa que João Guimarães Rosa faz sobre esse fenômeno na reportagem poética *Entremeio com o vaqueiro Mariano* (ROSA, 1985). Trata-se de uma abordagem bibliográfica, vinculada ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da UFMT. Diferentemente de um estilo mais canônico em que se apresenta uma revisão da literatura para, em seguida, apresentar os dados da pesquisa, resolvemos desenvolver os temas em concomitância para estarmos em conformidade com a ideia de “andar juntos”, apresentada na epígrafe acima, entremeando questões ligadas à literatura, à crise de emergência climática e à educação ambiental, ou seja, considerando-as questões pertinentes entre si e com possibilidades educativas.

A educação ambiental abrange diversos olhares e significados atribuídos ao ambiente em suas diferentes sociedades. Nesse sentido, zela pelo respeito à matéria do mundo como um todo. Michèle Sato recupera a definição de

2

educação ambiental presente na Conferência Intergovernamental de Tbilisi, realizada em 1977, que assim a definiu:

A Educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificações de atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as interrelações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida (SATO, 2004, p. 23-24).

Nessa mesma direção Palma (2011) aponta para a construção de uma atitude para se abordar a educação ambiental: “Trata-se de uma postura de aprendizagem que adota uma estética do reaprender sempre em movimento, que, bem mais que classificar e nomear busca dar espaço ao encantamento das coisas, sem com isso se ausentar da responsabilidade com os problemas que afetam o planeta” (PALMA, 2011, p. 52). Por isso, neste texto, buscamos o encantamento e apoio da literatura para sensibilizar a respeito da necessidade de trabalhar conceitos caros à educação ambiental.

João Guimarães Rosa (1908-1967), em 1952, visitou o Pantanal na companhia do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Consta que esse último foi quem o conduziu à Nhecolândia, uma das regiões do Pantanal, na fazenda *Firme*. Na Revista *Bric-à-Brac*, em 1989, assim comentou Manoel de Barros sobre esse encontro:

...vi poucas notas da viagem de Rosa ao Pantanal. Quis saber, ele, ainda, de meus receios sobre as confusões com o exótico. Falei, falei demais, espichei. Dei a entender que se estava olhando o Pantanal só como uma coisa exótica. Um superficial para só se ver e bater chapa. Mesmo os que cantavam em prosa e verso ficavam enumerando bichos, carandás, aves, jacarés, seriemas; e que essa enumeração não transmite a essência do Pantanal, porém, só sua aparência. Havia o perigo de se afundar no puro natural etc. Precisamos de um escritor como você, Rosa, para frear com a sua estética, com a sua linguagem calibrada, os excessos de natural. Temos que enlouquecer o nosso verbo, adoecê-lo de nós, a ponto de que esse verbo possa transfigurar a natureza. Humanizá-la. Rosa fez tudo isso. Alguns anos depois deu a público o seu *Com o vaqueiro Mariano* [grifo nosso], um livro intenso de poesia e transfiguração. (BARROS, 1989, como citado em Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008, p.03).

O Pantanal é realmente um Éden onde “todos os não simples pássaros, cores soltas, se desmancham de um desenho” (ROSA, 2001, p. 230), além disso,

3

possui uma enorme biodiversidade: “2.000 espécies de plantas, mais de 300 espécies de peixes, 47 espécies de anfíbios, mais de 120 espécies de répteis, mais de 650 espécies de aves, 174 espécies de mamíferos, além de diferentes fitofisionomias macrohabitats” (CASTRILLON, 2021, p. 04). Na época da cheia, por léguas de águas, o Pantanal é navegável, transbordante nos rios, corixos e baías que se ramificam e criam uma rede de caminhos. A vasta fauna e flora exuberam – enlouquecendo o verbo, como apontado por Manoel de Barros acima – e se apresentam como literatura na narrativa de Rosa:

É um jardim merso, mágico, submerso. Ilhas de flores, que bebem a lisa luminosidade do estagno. E cores: bluo, belazul, amarelim, carne-carne, roxonho, sobre-rubro, rei-verde, penetrados violáceos, rosa-roxo, um riso de róseo, seco branco, o alvor cruel do polvilho, aceso alaranjo, enverdes, ávidos perverdes, o amarelo mais agudo, felflavo, felflóreo, felflo, o esplâncnico azul das uvas, manchas quentes de vísceras. Cores que granam, que geram coisas – goma, germes, palavras, tacto, tilito de pálpebras, permovimentos (ROSA, 2001, p. 231).

Tendo sido narrado acima de um ponto de vista literário, também pode-se abordar o Pantanal sob outras perspectivas: geológica, geográfica, biológica, social, cultural e etc. Sobretudo, por ser tão belo e abrigar tanta riqueza em fauna e flora, desperta igualmente a cobiça daqueles que querem explorar as terras para fins de agronegócio. Temos um sistema econômico que, como um incêndio, se alastra e “coisifica” a natureza, desarticula o natural de sua complexidade socioecológica e transforma todo o ambiente em matéria prima para a produção e maximização do capital.

O Brasil possui uma extensão territorial de 8.514.877 km<sup>2</sup>, o que faz com que ele tenha clima, solo e ecossistemas muito variados. O Pantanal ocupa 1,76% do território e é um dos seis ecossistemas brasileiros: Amazônia ocupa 49,29%; Mata Atlântica 13,04%; Cerrado 23,92%; Caatinga 9,92% e o Pampa 2,07%.

O Pantanal é formado pelo mosaico hídrico de rios que compõem a Bacia do Rio do Prata, a segunda maior planície inundável e uma das maiores áreas úmidas contínuas do planeta, responsável por parte representativa da biodiversidade da América do Sul (ANA, 2014). A área calculada do Pantanal é de 138.183 km<sup>2</sup>, dos quais 48.865 km<sup>2</sup> (35,36%) estão no estado do Mato Grosso (MT) e 89.318 km<sup>2</sup> (64,64%)

no estado do Mato Grosso do Sul (MS). Sua importância ecológica é reconhecida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), como Reserva da Biosfera, e pela Constituição Federal Brasileira, como sítio de Patrimônio Nacional. Entretanto, os ecossistemas inseridos nesse bioma são frágeis e ameaçados por atividades antropogênicas que alteram sua dinâmica sazonal complexa e dependente de regimes climáticos continentais. (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020, p. 01).

Dentre as alterações ocorridas nesse bioma, tais como as construções de hidrelétricas, o aumento das áreas ocupadas pelo agronegócio, a degradação e assoreamento dos rios, o desmatamento etc., uma das maiores a interferir são os incêndios, que em 2020 atingiram níveis muito elevados: “Apenas entre os dias 1 e 13 de setembro foram identificados 4.611 focos de incêndio no bioma Pantanal. Esse número é o maior verificado para o mês de setembro nos últimos 22 anos” (FIOCRUZ, 2020, p. 02). Foram mais de 2,3 milhões de hectares afetados, o que resultou em 30% do bioma consumido pelo fogo (SILVA, HURTADO & GOEBEL, 2021). O cenário de destruição das queimadas prepara o terreno para a exploração do agronegócio e é próprio do antropoceno:

O Antropoceno é uma teoria proposta por Paul Crutzen (2006) que incrimina o excesso de consumo energético como fator de grande prejuízo à Terra. Não é uma homenagem, mas uma denúncia que nesta era (ceno) da humanidade (antropo) [grifo do autor], fomos os causadores de prejuízos ecológicos, escravizando a natureza, tirando proveito de seus “baixos custos” [grifo do autor] e nada devolvendo. Crutzen alerta que o antropoceno tem 3 períodos: a aceleração industrial; a pesada maquinaria e estratégias do agronegócio; e as “mudanças climáticas” [grifo do autor] (SATO, SANTOS & SÁNCHEZ, 2020, p. 08).

O impacto destruidor do antropoceno sobre todo o planeta deixa seus rastros nesse bioma brasileiro, como também nos outros por onde se percebem, claramente, os efeitos da crise climática, tal como aponta Artaxo (2020):

Considerando os efeitos sinérgicos da mudança do uso do solo, do desmatamento e o elevado grau de fragmentação e degradação da maior parte dos biomas brasileiros, a vulnerabilidade da nossa biota e ecossistemas aumenta, ameaçando a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos associados (p. 54).

No Estado do Mato Grosso observa-se claramente a diminuição do ciclo das chuvas, o declínio do nível d'água dos rios, além da elevação gradual da temperatura afetando o funcionamento dos ecossistemas. A partir da discussão

do Antropoceno, chegamos ao conceito do Capitaloceno que, neste caso, leva em consideração o poder de destruição que não provém da atividade humana em abstrato, mas de sua organização capitalista (MOORE, 2016). Nessa direção o autor argumenta que, por não sermos todos iguais, é preciso responsabilizar de maneira diferente os culpados pela destruição ambiental, e essa desigualdade ficou evidente no Pantanal, pois os grupos que mais sofreram foram os pantaneiros, ribeirinhos e demais comunidades tradicionais da região.

Na epígrafe inicial, Guimarães Rosa destacou que “P’ra cada um se cuidar, todos tinham de andar juntos” (1985, p. 100), ou seja, é preciso lembrar dessa premissa da educação ambiental, da interdependência entre os biomas: quando nas lavouras do cerrado aplica-se quantidades abusivas de agrotóxicos, esses produtos químicos escoam para os lençóis freáticos e para os rios, contaminando peixes, outros animais em geral e as pessoas que se servem da água, da terra e dos alimentos produzidos pela natureza; quando acontecem os incêndios, toda a vida sofre: a flora, a fauna e a humana. A perda de um ser vivo interfere e afeta todo o sistema, assim a degradação ambiental fere a vida como um todo:

Em 250 anos, a economia global cresceu 135 vezes, a população mundial cresceu 9,2 vezes e a renda per capita cresceu 15 vezes. Este crescimento demoeconômico foi maior do que o de todo o período dos 200 mil anos anteriores, desde o surgimento do Homo sapiens. Mas todo o crescimento e enriquecimento humano ocorreu às custas do encolhimento e empobrecimento do meio ambiente. O conjunto das atividades antrópicas ultrapassou a capacidade de carga da Terra, e a Pegada Ecológica da humanidade extrapolou a Biocapacidade do Planeta. A dívida do ser humano com a natureza cresce a cada dia e a degradação ambiental pode, no limite, destruir a base ecológica que sustenta a economia e a sobrevivência humana (ALVES, 2020, p. 02).

As inúmeras ameaças à vida, destacadas acima, dizem respeito à educação ambiental. É tarefa desta área do conhecimento denunciar esses crimes ecológicos, produzir conhecimentos e apontar as ações antrópicas que estão a pôr nossas vidas em risco. Faz-se urgente uma educação ambiental que nos proporcione a reflexão sobre a construção histórica da relação entre ser humano e natureza, em especial sobre o fato de que as dimensões sociais,

políticas e ideológicas são indissociáveis para se pensar a gênese e a dinâmica da crise climática (LOUREIRO & LAYRARGUES, 2013).

Ao falarmos dos incêndios estamos a abordar sobre o ar que nos mantém, falamos sobre um meio de sobrevivência não só do ser humano, mas dos animais, plantas e todo ser que respira. O que nos leva a compreender que o mundo depende desse elemento e por meio dele podemos chamar de vida como o maior bem que nos foi dado para que compartilhássemos desse universo. No entanto, com tamanhos acontecimentos mundiais, podemos notar a falta de respeito para com a natureza, com os animais, com os elementos que contribuem para nossa sobrevivência. Os elementos da natureza abordados por Gaston Bachelard vêm, minunciosamente, trabalhados através da arte do saber, do conhecimento e da sensibilidade. A matéria dos quatro elementos (terra, ar, fogo e água) é abordada por esse autor de forma sensível, com um novo olhar, nos desprendendo do físico e trabalhando o imaginário, quase sempre com o auxílio da literatura e dos poetas, sem contudo fugir da realidade, apenas aponta para uma nova forma de compreender o universo, “o imaginário ligado ao ar caracteriza-se exatamente por ser dinâmico, além de ascendente, trazendo em seu bojo as forças dos ventos, o passar das nuvens” (BACHELARD, 1994, p. 27).

Sendo assim, este mesmo ar é a nossa reformação, nossa reconstrução, nosso reinventar, ou melhor, elemento vital que nos nutre como seres pensantes e revolucionários. Embora não seja nosso objetivo neste texto aprofundarmos, do ponto de vista literário, sobre as contribuições poéticas de Manoel de Barros, um grande poeta mato grossense, ainda assim fazemos menção à poética manoelina, abordada com maior extensão do Trabalho de Conclusão de Curso de Nogueira (2018): “o que nos leva a compreender a poética de Manoel de Barros com uma visão surrealista que nos faz sujeitos com identidades e subjetividades, nos transformando de dentro para fora, procuramos utilizar o elemento ar como uma forma de expressar os acontecimentos e os detalhes do cotidiano de forma sensível” (NOGUEIRA, 2018, p. 29).

Manoel de Barros, revolucionário da literatura, pai de poesias que nos sensibilizam para diálogos entre literatura e educação ambiental. O estudo dessa poética parte da necessidade de oferecer percepções alternativas às questões e problemas que tem atingido a educação ambiental, por este motivo, se faz necessário abordar uma metodologia que identifique causas e dialogue através do imaginário sensível: “O estudo da poética de Manoel de Barros, dialogando com os elementos da natureza, nos revela a importância de saber compreender as coisas do mundo, de forma mágica e às vezes utópica, nos proporcionando saberes éticos em forma de arte” (NOGUEIRA, 2018, p. 10).

Percebemos por meio de estudos que a poesia de Barros está por toda parte, principalmente por valorizar os pequenos detalhes de que é feita a vida pantaneira. Com o passar dos anos fomos nos desligando do que realmente importa e nos fechando dentro de um mundo moderno e funcional que nos afasta de nossa própria existência, tirando de nós os princípios que nos mantinham despertos para a vida, fomos mecanizando nossas existências, quase como se estivéssemos a dormir, desligados do olhar para a grandeza dos seres vivos que nos cercam, de ouvir o canto dos pássaros, de apreciar os seus voos, plumagens, enfim, a percepção da natureza como um todo de que também fazemos parte: “No entanto, é necessário que nos reencontremos, sujeito-objeto, ou seja, um encontro conosco mesmos e com as coisas, valores e poderes que foram de nós destituídos, para que assim possamos fortalecer nossa identidade e perceber que o sujeito e o objeto são faces de uma mesma história” (PALMA, 2011, p. 118).

O ar que é nossa transformação é o que nos reforma e nos traz de volta e finca nossos pés no chão, esse ar livre e personificado segundo Bachelard, tem a capacidade de oportunizar o sentido máximo da palavra liberdade, dessa forma, acreditamos que para dias melhores na educação ambiental, se fazem necessários, e são desejados, dias mais claros e floridos, que nos tragam de volta o cuidado com a natureza e com o outro, que não dissociem a ciência da poesia, porque através dos estudos aqui abordados, é possível acreditar que elas andam de mãos dadas porque, como nos adverte o poeta “se a poesia



desaparece do mundo, os homens se transformariam em monstros, máquinas, robôs” (BARROS, 1990, p.311). A poética e a literatura nos proporcionam então, a possibilidade de dias menos dolorosos, sabendo que “no mundo do sonho não se voa porque se tem asas, mas acredita-se ter asas porque se voa. As asas são consequências. O princípio do voo onírico é mais profundo. É esse princípio que a imaginação aérea dinâmica deve reencontrar (BACHELARD, 2001, p.28)”. A poética de Manoel de Barros nos dá essa liberdade, a de sonhar e voar sem ter asas, ou poeticamente: “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um Sabiá, mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: *divinare*. Os sabiás divinam” (BARROS, 2004).

A educação ambiental zela eticamente pelo bem do coletivo e também do individual, “mas este último não dentro de uma ordem de cunho egoístico, mas solidário, que reconhece as particularidades sem excluir a universalidade das coisas e dos sujeitos do mundo” (PALMA, 2011, p. 124). Acreditamos que a educação ambiental e as aprendizagens manoelinas, abordadas aqui muito rapidamente, nos proporcionam uma compreensão mais sensível e ampliada de mundo, abrem novos horizontes para que possamos exercitar outros olhares, dialogando com nossos problemas atuais relacionados aos crimes contra o meio ambiente, sob a forma de incêndios que maltratam o ar e a vida como um todo. Como educadores ambientais podemos nos constituir sujeitos de um caminho que respeite as diferenças, nos colocando diante de uma grande luta sem deixar de lado a esperança de dias melhores.

Os diálogos poéticos e literários que apontamos neste texto evidenciam a necessidade de compreensão das questões ambientais em que se busca ampliar a percepção humana, pois em qualquer área do conhecimento é possível fazermos a ligação entre literatura, poesia e ciências. Mesmo com tantos acontecimentos ruins dentro da sociedade – a pandemia, furacões, enchentes, crimes ambientais em geral – e sofrendo as consequências das ações humanas – como os incêndios que aconteceram em 2020 no pantanal – deixamos nesta

nossa produção um rastro de reecantamento do mundo por meio da parceria entre a literatura e a educação ambiental. Temos esperança, assim, de podermos agregar e criar possibilidades de uma transformação em nossas percepções, ao nos sensibilizarmos para a grandeza e riqueza que há no ambiente, mesmo sabendo que na sociedade capitalista prevalece o egoísmo e o tradicionalismo, marcamos aqui o anseio utópico pela mudança de vida, de posturas e atitudes, respeitando as diferenças.

As aprendizagens abordadas por meio da poética manoelina vêm ao encontro da fenomenologia que nos oportuniza transver o mundo e entender as despalavras que Manoel nos entrega com suas poesias: “Urbanos ou não, é certo, estamos ligados fisiologicamente à mãe-terra. Ao nosso quintal. Ao quintal da nossa infância – com direito a árvores, rios e passarinhos. O poema promana desses marulhos” (BARROS, 1990, p.319). Após esse rápido passeio pela poética de Manoel de Barros, voltamos o nosso olhar para Guimarães Rosa no próximo item e seguimos de mãos dadas com a literatura para o bem fazer da educação ambiental.

### **Narrativa de um incêndio na literatura de Guimarães Rosa**

Na novela *Entremeio com o vaqueiro Mariano*<sup>3</sup>, João Guimarães Rosa (1985) narra seu encontro com esse vaqueiro, um típico trabalhador integrado ao bioma pantaneiro. Por vezes, na novela, João Guimarães Rosa transcreve a voz do vaqueiro e, noutras vezes, é o escritor erudito que se deixa transbordar na descrição amorosa por esse bioma.

Tzevetan Todorov (2014) afirma que o escritor de obras literárias não defende esta ou aquela tese, como os das obras científicas, mas que um escritor propõe ou provoca o leitor e dessa forma “a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas prosseguem

---

<sup>3</sup> “Com o vaqueiro Mariano” foi publicado pela primeira vez no nº de 25 de novembro de 1947 do Correio da Manhã, e pela segunda vez como volume das Edições Hipocampo, Niterói, 1952, ilustrado por Darel Valença Lins, numa edição fora do comércio, para assinantes, em 110 exemplares numerados e assinados pelo autor. (ROSA, 2017, p. 1614).

por muito tempo depois do contado inicial” (TODOROV, 2014, p. 78). Para Edgar Morim (2003), toda grande obra de arte, inclusive a literatura, possibilita um pensamento profundo sobre a condição humana, constituindo-se como uma possibilidade de escola de vida em seus múltiplos sentidos. Antonio Candido (2004) defende o direito à literatura como uma necessidade, também de todas as pessoas, em todos os tempos, e que precisa ser satisfeita “sob pena de desorganização pessoal ou pelo menos de frustração mutiladora” (CANDIDO, 2004, p. 174). O autor assim define a literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 174).

Por essa razão os excertos do conto de Rosa nos interessam, pois podem ser aliados da educação ambiental e provocar alguns tremores dos sentidos ao narrar os sufocos que enfrentam as pessoas – e os seres vivos como um todo – quando ocorrem os incêndios no Pantanal. O personagem Mariano começa a narração pelo ponto em que estavam a conduzir uma boiada de cerca de trezentas reses, por mais de mês, por entre um capinzal seco e muito alto. Eles não conheciam muito bem o caminho, somente um dos vaqueiros, o prático, é que possuía algum conhecimento daquela imensa planície. Ele narra o calor do dia:

Foi por antes das duas horas, com um calor de falar dor de cabeça. A gente suava p’ela língua, feito cachorro. Afora os bois, eu só via o céu, o sol e o capinzal. Era um dia tão forte, que a luz no ar parecia uma chuva fina, dançava assim como cristal e umas teias de aranha, ou uma fumacinha, que não era. Mas, de pancada, tudo parou: gritaram adiante, e eu vi o fogaréu. Aí era fumaça, mesmo, e as lavaredas correndo, feio, em nossa frente, numa largura enorme, vindo p’ra cima de nós. Era uma queimada... (ROSA, 1985, p. 99).

Incêndios e seus rastros de fumaça e cinzas



Figura 1 Foto de João Paulo Guimarães (2020)<sup>4</sup>

Diante do susto e na eminência de que a boiada pudesse estourar, alguns vaqueiros acertam o rumo dos bois com sabedoria e ligeireza, pois que o fogo não dá trégua, ainda mais com capim seco, propício para a combustão:

Corremos, corremos. Até os bois ajudavam, num modo de estarem entendendo. Agora o fogo estava p'r'o meu ombro. Nós íamos beiradeando aquele paredão desumano, vermelho e amarelo, e enfumaçado, que corria também, querendo vir mais do que a gente: como que nem com uma porção de pernas, esticando uma porção de braços. O bafejo do calor era tão danisco, que eu às vezes passava a mão p'elo meu corpo, pensando que já estava também pegando fogo. Suor pingava de mim, feito gordura de churrasco. O capim, a macega velha, fica tão duro e rediço, que é um bambu fino, a gente se estorvando nele. E aquilo vinha que vinha, estoraçalhando e estalando: pe-pé-pé-pé-pé!... (ROSA, 1985, p. 99).

---

<sup>4</sup> João Paulo Guimarães é fotógrafo da ONG Amigos do Pantanal, grupo de suporte à vida e em defesa do meio ambiente. Recuperado de <https://www.instagram.com/projetoamigosdopantanal/>.

## A fumaça tomou conta da Região Centro-Oeste brasileira em 2020



Figura 2 Foto de João Paulo Guimarães (2020)

Sobressai no excerto acima a metáfora do fogo como se fosse humano, quase a representar a ganância do capitaloceno, com braços e pernas, que realmente corre, avança com força e vai destruindo tudo o que encontra pela frente e estrala e estraçalha, derruba e perfura, transforma a matéria antes verde e agora calcinada, em cinza, causando um choque de pôr juízo em doido, como anunciado desde o título de nosso texto. Mas como é que esse fogaréu começou?

[...] da banda de baixo, do terceiro lado, também vinha uma queimada, mais devagar, mas perto. Era porque o pessoal nosso que trotava na culatra, no começo da estória, tinham vindo prendendo fogo no capim, por descuido ou brincadeira de gente sem responsabilidade, e agora estava queimando tudo a rodo, fim-de-mundo (ROSA, 1985, p. 100).

São essas ações por vezes descuidadas, porém, muitas vezes criminosas, que desencadeiam “o fim do mundo” que é um incêndio em época de seca no Pantanal. O fogaréu cresce, se espalha e é quase impossível controlá-lo. Vai arrasando a vida: “Um pássaro qualquer, voando sem regra, deu em mim e caiu [...]. O ar estava cheio deles, transtornados. [...] fogo zunia, fechando roda, e uma porção de bichos, porco do mato e todos, corriam” (ROSA, 1985, p. 100-101). O ar ao qual nos referimos anteriormente é também o ar real, o que respiramos e nos mantém vivos, mas, é abordado através do diálogo que

a fenomenologia nos permite fazer e, que traz consigo as percepções que guiam os nossos sentidos: o ver, ouvir e sentir, os quais existem na arte poética.

É muito triste ler esses trechos e ver tantas vidas sendo destruídas de maneira tão abusiva e violenta! A narrativa segue e Mariano descreve o inferno:

[...] não adiantava mais, que estava tudo cercado... O fogo balançava; ô fogo! Tinha trovão e relâmpago... O gado berrava desafinando, quase todos, o berro tinido de quando se fecha um rodeio. Era a viagem mais desatinada que eu já vi boiada dar. Enxerguei boi frouxar paleta, desmanchar o quarto dianteiro, o osso despregar da carcaça e subir levantando o couro, e o boi, em vez de parar e deitar, seguia correndo, gemendo, três trechos, em galope mancado, feito sombração (ROSA, 1985, p. 100).

Tal como aconteceu em 2020 no Mato Grosso, o fogo não deu trégua. A narrativa da literatura é forte com imagens visualmente impactante. As aves mortas a despencar do céu e os bois quebrados, porém, resistindo, dão uma dimensão do quanto sofre a vida quando o fogo alastra. É uma força enorme que avança, que corre e destrói tudo o que encontra pela frente. Na imprensa brasileira, no ano de 2020, vimos muitas fotos de animais feridos, assustados e carbonizados, como se pode ler na chamada da reportagem de Nadia Pontes (2020): “Após incêndios que já destruíram 22% do bioma em 2020, animais perambulam desorientados em busca de água e comida, e voluntários tentam amenizar sofrimento”.

O projeto Amigos do Pantanal<sup>5</sup> reuniu um grupo de voluntários com pessoas de diversas áreas de formação, como biólogas (os), pedagogas (os), dentistas, publicitárias (os), professoras de Letras, História, bem como pescadores locais, que dependem do Pantanal para seu sustento. O Projeto foi criado em agosto de 2020 e atuou na arrecadação de alimentos, tanto para os animais, quanto para as populações tradicionais do Pantanal; no resgate de animais; e em campanhas educativas relacionadas à temática ambiental.

---

<sup>5</sup> Queremos agradecer a Victor Hugo de Oliveira Henrique, membro d’Amigos do Pantanal, Professor no departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Biólogo (UFMT), Pedagogo (UNISERRA), Mestre em Educação (UNESP) e Doutorando em Educação (UFMT), por nos apresentar a ONG e nos apoiar na escritura deste texto.

## Atuação de voluntários em defesa da vida, durante e após os incêndios



Figura 3 Foto de João Paulo Guimarães (2020)

### Palavras finais

Nos limites deste texto procuramos evidenciar os impactos brutais que os incêndios no bioma Pantanal ocasionam para as espécies que lá habitam. Todos os seres vivos sofrem e muitos perecem. Dentre os principais impactos biológicos causados pelo fogo no Pantanal, destacamos a indisponibilidade de alimentos, a alteração no processo de dispersão de sementes, alterações na ciclagem de nutrientes e alterações nas relações de predação (GOEBEL, 2020).

A fumaça tomou conta da Região Centro-Oeste brasileira em 2020, como pode-se ver nalgumas fotos. Sentimos a falta que faz o ar puro. Era comum, nessa época do ano, mesmo nas casas distantes vários quilômetros das queimadas, sentir o cheiro da fumaça. Há os problemas respiratórios, mas sobretudo a destruição de um bioma representa um estresse para todo o sistema, ou seja, “o fogo está associado não somente ao lançamento de gases do efeito estufa e ao aquecimento global, mas a inúmeros impactos sociais, ambientais, econômicos e a inúmeros efeitos de curto e médio prazo à saúde humana” (FIOCRUZ, 2020, p. 02).

Os excertos da novela de João Guimarães Rosa, um texto escrito originalmente em 1947, mostram os horrores e sofrimentos que os incêndios causam à vida como um todo. É preciso intensificar as pesquisas sobre os impactos dos incêndios nesse bioma. É preciso uma política de fiscalização para coibir essa prática criminosa, pois corre-se o risco da perda de muitas espécies, entre elas algumas ameaçadas de extinção: “Ecologistas afirmam que meses de incêndios sem precedentes podem levar várias espécies à extinção (UBAID, 2014). Já se fala em perdas relativas a uma década de conservação e talvez não exista a possibilidade de recuperação para algumas espécies” (FIOCRUZ, 2020, p. 05).

Não temos ainda como apresentar dados conclusivos sobre tudo o que se passou no ano de 2020 quando o pantanal foi brutal e criminosamente agredido pelos incêndios. Temos as reportagens e textos citados que evidenciam e denunciam a crise de emergência climática. E é isso: estamos a denunciar que o bioma pantanal está ameaçado e com ele também nossas vidas. Este texto é como um grito de socorro!

Conclui-se que as crises climáticas ocasionadas pela devastadora ação e cobiça humana, nos diversos biomas brasileiros, notadamente no caso deste texto em relação aos incêndios de 2020 no pantanal mato-grossense, evidenciam uma série de problemas da crise de emergência climática que se interligam, causando aumento da poluição do ar, profundas alterações no regime de chuvas, na alta da temperatura, alterando, por fragmentação e degradação, o funcionamento dos ecossistemas que compõem esse bioma, inclusive com impactos para a saúde pública entre muitos outros problemas que precisam ser melhor pesquisados. Em nosso texto procuramos mostrar, com o auxílio da literatura, como ocorrem os incêndios no pantanal e como sofrem todos os seres vivos com essa prática criminosa. Nossa contribuição é modesta: por meio da leitura de excertos ou da novela inteira que pode ser lida em sala de aula, pretendemos, como professores formadores e educadores ambientais, sensibilizar nossos estudantes sobre a crise de emergência climática, bem como para a necessidade de lutar e se engajar politicamente na defesa dos nossos



biomas, fonte de nossas vidas, como feito pelo Projeto Amigos do Pantanal, citado acima.

Finalizamos com as palavras do escritor após narrar as peripécias de um grupo de vaqueiros que enfrentou um incêndio e conseguiu salvar a boiada quase como se fosse um recado para que cuidemos de não cair numa noite escura, como humanidade:

Que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme, que as estrelas vão chover... José Mariano caminhava embora, no andar bamboleado, cabeça baixa, ruminando seu cansaço. Se abria e unia, com ele – vaca negra – a noite, vaca. (ROSA, 1985, p. 103).

## Referências

ALVES, José. E. D. “Antropoceno: a era do colapso ambiental”. *Centro de Estudos Estratégicos da FIOCRUZ*. Publicado eletronicamente em 16 de janeiro, 2020. Disponível em <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>

ARTAXO, Paulo. “As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas”. *Estudos Avançados*. N. 34 (100). 2020, p. 53-66. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/TRsRMLDdzxRsz85QNYFQBHs/?lang=pt&format=pdf>

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1994.

BARROS, Manoel. de. **Poemas concebidos sem pecado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999a.

BARROS, Manoel. **Gramática Expositiva do Chão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BARROS, Manoel. **Livro sobre o Nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004

CANDIDO, Antônio. “O direito à literatura”. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4a ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. pp. 169-191.

CASTRILLON, Solange. I. “Pantanal e justiça climática”. (palestra proferida em 26 de março de 2021). In *Rede de diálogos com justiça climática e educação*

*ambiental: Pantanal*. Disponível em <https://gpeaufmt.blogspot.com/p/cursos.html>

Fundação Oswaldo Cruz. “Incêndios florestais no pantanal 2020”. Nota técnica N. 01, Agência FIOCRUZ, 2020. Disponível em [https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/nt\\_01\\_pantanal\\_final\\_1.pdf](https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/nt_01_pantanal_final_1.pdf)

GOEBEL, Larissa G. A. “Incêndios no pantanal – mastofauna”. Palestra proferida em 09 de dezembro). In *III Web Seminários Interdisciplinares: Edição Ciências Ambientais*. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rDhDsWLy2il&t=6170s>

LOUREIRO, Carlos F. L.; LAYRARGUES, Phhilippe P. “Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica”. *Trabalho Educação Saúde*. Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, 2013. pp. 53-71.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado de Cultura. “No pantanal com J. G. Rosa”. *Suplemento Literário de Minas Gerais: especial 100 anos Guimarães Rosa*. 2008. Disponível em <http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/index.php/pt-br/suplemento-litelario/edicoes-suplemento-literarios/edicoes-especiais-1/73--73/file>

MOORE, Jason W. “De objeto a oikos: geração do meio ambiente na ecologia-mundial capitalista”. In SILVA, Sandro Dutra et al. (org.). **Ensaio em ciências ambientais: crises riscos e racionalidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, Izabele. **Ciências e poesias nas aprendizagens manoelinas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Cuiabá, Instituto de Educação, UFMT, 2018.

PALMA, Sonia. **Cartografia do imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental**. Cuiabá (MT): Instituto de Educação/IE, 2011.

PONTES, Nádia. “No Pantanal, animais que sobrevivem ao fogo enfrentam fome”. *DW.com: meio ambiente*. (publicado eletronicamente em 23 de setembro, 2020). Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/no-pantanal-animais-que-sobrevivem-ao-fogo-enfrentam-fome/a-55023420>

ROSA, João **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ROSA, João G. **Ave, Palavra!** 5a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João G. **Estas estórias.** 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

SATO, Michèle. **Educação ambiental.** São Carlos: RiMa, 2004.

SATO, Michèle; SANTOS, Déborah; & SÁNCHEZ, Celso. **Vírus: simulacro da vida?** Rio de Janeiro: GEA-SUR, UNIRIO; Cuiabá: GPEA, UFMT, 2020.

Disponível em <https://gpeaufmt.blogspot.com/p/materiais-e-apoio-pedagogico.html>

SILVA, Clarice; HURTADO, Thaysa C.; & GOEBEL, Larissa G. A. “Incêndios no Pantanal: relatos de experiência dos pescadores pantaneiros”. In: *IV Web Seminários Interdisciplinares: Edição Ciências Ambientais e I Simpósio On-line de Educação Ambiental*. UNEMAT, n. 4. Anais... Cáceres: UNEMAT. 2021, p. 10.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 5a ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.